

Jesus ou Barrabás

(Marcos 15:1–20)

Joe Schubert

Um dia estaremos perante Jesus. O que Ele fará conosco dependerá do que estamos fazendo com Ele agora. Em Marcos 15, Jesus esteve perante Pilatos, perante o povo e perante os romanos. Vejamos o que os homens fizeram com o escolhido de Deus!

PERANTE PILATOS (15:1–5)

Jesus foi levado perante Pôncio Pilatos, o governador romano da Judéia. Marcos diz:

Logo pela manhã, entraram em conselho os principais sacerdotes com os anciãos, os escribas e todo o Sinédrio; e, amarrando a Jesus, levaram-no e o entregaram a Pilatos. Pilatos o interrogou: És tu o rei dos judeus? Respondeu Jesus: Tu o dizes. Então, os principais sacerdotes o acusavam de muitas coisas. Tornou Pilatos a interrogá-lo: Nada respondes? Vê quantas acusações te fazem! Jesus, porém, não respondeu palavra, a ponto de Pilatos muito se admirar (vv. 1–5).

O capítulo 14 relatou os acontecimentos da noite anterior, quando Jesus foi traído, preso e julgado pelo Sinédrio judaico. A questão naquela ocasião era se Jesus era ou não o Messias prometido. Marcos 15 começa na manhã seguinte, quando o Sinédrio levou Jesus perante a autoridade romana, Pôncio Pilatos. A questão agora já não era se Ele era o Messias prometido, mas se Ele era o rei dos judeus como alegava ser.

Não sabemos como o Senhor passou as cinco ou seis horas entre seu comparecimento perante o Sinédrio e depois perante Pôncio Pilatos. Talvez Jesus tenha tido algum tempo para dormir depois da agitada noite de Sua traição e prisão. Sabemos que de manhã cedo Ele foi levado aos sacerdotes novamente e ao Sinédrio. Como a primeira reunião se deu à noite e como aquela reunião noturna era ilegal, o Sinédrio precisava justificar

seus atos, realizando uma reunião de dia.

Além disso, o Sinédrio não tinha poder de executar a pena de morte. A sentença de morte tinha de ser imposta pelo governador romano e executada pelas autoridades romanas. O Sinédrio sabia que as acusações pelas quais haviam condenado Jesus jamais seriam válidas perante o governador romano. O Sinédrio judaico acusara Jesus de blasfêmia. A acusação contra Ele era esta: “Você alega ser Deus e, portanto, merece morrer”. Mas eles sabiam que os romanos não prestariam atenção a essa acusação e considerariam aquilo como nada mais do que uma disputa religiosa entre judeus. Eles sabiam que para tornarem aquele caso sustentável perante as autoridades romanas, tinham de dar uma base política às acusações.

Por isso, Lucas diz que os judeus decidiram levantar três acusações distintas contra Jesus. Em primeiro lugar, eles O acusaram de perverter a nação, ou seja, incitar agitadores e encorajar motins e dissensões. Em segundo lugar, eles O acusaram de proibir o povo de pagar tributos a César. Em terceiro lugar, eles O acusaram de querer ser rei no lugar de César.

Pilatos só deu atenção à última acusação. Quando ouviu as três acusações, ele se concentrou na última. Pilatos virou-se para Jesus e disse: “És tu o rei dos judeus?” Jesus respondeu simplesmente: “Tu o dizes”.

No Evangelho de João lemos que Jesus prosseguiu dizendo nesse momento: “Meu reino não é deste mundo: se meu reino fosse deste mundo, os meus ministros se empenhariam por mim, para que não fosse eu entregue aos judeus; mas agora o meu reino não é daqui” (João 18:36). Com essas palavras Jesus estava tentando deixar que Pilatos visse que o Seu reino, por não ser deste mundo, não representava nenhuma ameaça a Roma. Creio que Pilatos entendeu. Creio que ele ficou aliviado em saber que, embora Jesus

alegasse ser o rei dos judeus num sentido religioso, Ele não estava amotinando uma revolta física contra o governo de Roma. Creio que Pilatos entendeu que Jesus não representava um perigo real. Parece que os principais sacerdotes começaram a ver que Pilatos entendeu que Jesus não estava ameaçando a autoridade de Roma. Marcos diz que os principais sacerdotes levantaram muitas outras acusações contra Jesus. Começaram a lançar diante do tribunal todas as acusações imagináveis para justificar a imposição da pena de morte ao Senhor.

Num comentário muito revelador, no versículo 10, Marcos diz que Pilatos sabia que era por inveja que os principais sacerdotes haviam trazido Jesus até ele. Pilatos não era ingênuo. Ele era um governador cruel e egoísta, mas não era cego. Ele sabia o que estavam tentando fazer. Estavam tentando incriminar Jesus. Ele sabia por que estavam fazendo aquilo. Eles simplesmente estavam com inveja da posição de Jesus e da influência que Ele exercia sobre o povo.

Inveja significa desejo por algo que não nos pertence. O que os sacerdotes desejavam era exercer a influência e a autoridade que Jesus tinha sobre o povo. Vez após vez por todo o ministério de Jesus os sacerdotes judeus tentaram sem sucesso pegar Jesus numa cilada através de Suas próprias palavras. Ele sempre tinha uma palavra, uma simples palavra, que destruía totalmente tais esquemas. Essa habilidade e poder deixou os sacerdotes furiosos e cheios de inveja.

Diante de todas essas acusações adicionais que os principais sacerdotes estavam levantando contra Jesus, Marcos diz que Ele permaneceu absolutamente calado. Isto fez Pilatos, o governador, admirar-se a ponto de dizer: “Jesus, você não vai responder nada? Você não entende todas essas acusações que esses judeus estão levantando contra você?” Mais uma vez, o relato bíblico diz que Jesus não disse uma palavra sequer. Marcos relata uma segunda vez em que Pilatos ficou admirado.

Por que será que Cristo permaneceu em silêncio? Por que será que Pôncio Pilatos admirou-se tanto desse silêncio? Jesus sabia que Pilatos tinha poder e autoridade para salvá-lo do destino da crucificação. Em João 19:10 e 11, João diz que Pilatos disse a Jesus: “Não me respondes? Não sabes que tenho autoridade para te soltar e autoridade para te crucificar?” E Jesus

respondeu: “Nenhuma autoridade terias sobre mim, se de cima não te fosse dada; por isso, quem me entregou a ti maior pecado tem”. Pilatos ficou surpreso com essa resposta. Mas de uma coisa ele estava absolutamente convencido: o homem que ali estava diante dele não era culpado de nenhum crime. Por isso, Pilatos estava determinado a soltar Jesus. Lucas registra que Pilatos até disse aos principais sacerdotes e à multidão ali presentes: “Não vejo neste homem crime algum” (Lucas 23:4). Pilatos não era um diabo encarnado. Ele era simplesmente fraco. Se Pilatos pudesse agir somente pela sua opinião, ele certamente teria absolvido Jesus. Sem dúvida, Pilatos era mais favorável a Jesus do que aos sacerdotes.

PERANTE HERODES (LUCAS 23:7-12)

Os relatos paralelos dizem que a essa altura Pilatos mandou Jesus para Herodes. Herodes, que era considerado o rei dos judeus, tentou divertir-se com Jesus. Ele pediu que Ele operasse um milagre, mas Jesus recusou-Se e permaneceu mais uma vez totalmente em silêncio. Assim, Herodes mandou Jesus de volta a Pilatos mais uma vez.

PERANTE O POVO (15:6-15)

A essa altura Marcos diz:

Ora, por ocasião da festa, era costume soltar ao povo um dos presos, qualquer que eles pedissem. Havia um, chamado Barrabás, preso com amotinadores, os quais em um tumulto haviam cometido homicídio. Vindo a multidão, começou a pedir que lhes fizesse como de costume. E Pilatos lhes respondeu, dizendo: Quereis que eu vos solte o rei dos judeus? Pois ele bem percebia que por inveja os principais sacerdotes lho haviam entregado. Mas estes incitaram a multidão no sentido de que lhes soltasse, de preferência, Barrabás. Mas Pilatos lhes perguntou: Que farei, então, deste a quem chamais o rei dos judeus? Eles, porém, clamavam: Crucifica-o! Mas Pilatos lhes disse: Que mal fez ele? E eles gritavam cada vez mais: Crucifica-o! Então, Pilatos, querendo contentar a multidão, soltou-lhes Barrabás; e, após mandar açoitar a Jesus, entregou-o para ser crucificado (vv. 6-15).

Todos os escritores dos Evangelhos mencionam Barrabás. Ele era um revolucionário sanguinário, um zelote, um agitador, um homem totalmente comprometido com a revolta

física e violenta contra o governo romano. Não seria nada para Barrabás cortar a garganta de um soldado ou roubar. Marcos e Lucas dizem enfaticamente que Barrabás era um assassino.

Era Páscoa e Pilatos tinha o costume de soltar um prisioneiro para agradar os judeus nessa data. Essa era uma oportunidade perfeita. Pilatos disse que deixaria os judeus decidirem qual prisioneiro seria liberto naquele ano. “Se eu apresentar a eles o criminoso mais vil que eu puder encontrar e deixar que eles escolham entre esse tipo de bandido e Jesus, certamente eles vão optar por Jesus”, pensou ele. Era um método magistral de resolver a questão. Pilatos decidiu oferecer-lhes Barrabás, um degenerado, “um preso muito conhecido”, nas palavras de Mateus 27:16, o pior que ele conseguiu achar. Ele deu à multidão a oportunidade de escolher e disse, conforme Mateus 27:18 registra: “A quem quereis que eu vos solte, a Barrabás ou a Jesus, chamado Cristo?” A multidão gritou: “Barrabás, Barrabás. Fora com esse homem. Solte Barrabás prá gente”. Então Pilatos perguntou: “Que farei, então, de Jesus, chamado Cristo?” “Seja crucificado!”, gritaram. “Que mal fez ele?”, perguntou Pilatos. Mas eles continuaram gritando cada vez mais alto: “Seja crucificado!” E daí foram ditas as penosas palavras do versículo 26: “Então, Pilatos lhes soltou Barrabás; e, após haver açoitado a Jesus, entregou-o para ser crucificado”.

Há anos, considera-se um mistério aquela mesma multidão que deu boas-vindas a Jesus, quando Ele entrou em Jerusalém uma semana antes no lombo de um jumento, chegar a gritar, depois, em loucura: “Crucifica-o”. Qual o motivo dessa mudança? A resposta pode estar, em partes, na decepção da multidão com Jesus. Jerusalém nesse tempo de Páscoa estava repleta de pessoas a quem Jesus havia curado. Centenas e provavelmente milhares de pessoas em Jerusalém ali presentes para a festa da Páscoa haviam sido influenciadas por Jesus. Ele despertara naquela gente a esperança de que Ele poderia ser o Messias de Deus, que veio para libertá-los do julgo romano. Todas as idéias populares a respeito do Messias enfocavam a idéia de que o Messias seria aquele que os libertaria do odioso cativo de Roma. Quando viram Jesus perante as autoridades romanas, indisposto ou incapaz até de defender-se, toda a lealdade que mantinham para com ele entrou

em colapso. Numa atitude de raiva e decepção, viraram as costas para Ele e escolheram Barrabás, o assassino. Pilatos pareceu sinceramente contrário ao curso dos acontecimentos, mas ele tinha de fazer uma escolha. Porque buscava agradar a homens, agradar a multidão, ele se curvou perante o povo.

Quantos jovens enfrentam esse mesmo tipo de decisão quase diariamente? Jesus ou a multidão. Jesus ou a turma. Jesus ou os colegas. A multidão diz: “Vem cá e experimenta isto aqui. É maneiro! É uma viagem. É legal. Vamos lá, só uma vez”. A resposta sai timidamente: “Não, não posso. Sou cristão”. Mas em meio a gozações, risos e o ridículo, um pouco depois esse mesmo jovem se curva perante a multidão. Fico imaginando quantos de nós já se depararam com o mesmo tipo de escolha e decisão.

João relata que uma das ameaças que os judeus gritaram para Pilatos foi: “Se soltas a este, não és amigo de César!” (João 19:12). A lealdade de Pilatos estava sendo questionada e isso era um assunto muito sério porque afetava seu emprego. Para Pilatos, a escolha passou a ser: Jesus ou o seu emprego.

Esse tipo de escolha aflige diretamente as nossas vidas, não aflige? Em nossos negócios ou em nossas profissões, surgem coisas que são contrárias à ética cristã e aos princípios cristãos. Decidimos ir em frente e assumir o compromisso. Defendemos nossa decisão, dizendo: “Bem, afinal de contas, uma pessoa tem de ganhar a vida, não tem?” Quem disse que uma pessoa tem de ganhar a vida? Jesus não ganhou a vida; Ele morreu.

A ironia disso tudo é que não muitos anos depois disso, como relata a história secular, os judeus foram diretamente reclamar a César de Pilatos por uma outra razão e ele foi afastado do cargo. Pilatos terminou perdendo não só o emprego, mas também a alma. Você é capaz de encarar esse tipo de decisão?

Mateus nos mostra o impacto total desses acontecimentos quando escreve:

Vendo Pilatos que nada conseguia, antes, pelo contrário, aumentava o tumulto, mandando vir água, lavou as mãos perante o povo, dizendo: Estou inocente do sangue deste *justo*; fique o caso convosco! E o povo todo respondeu: Caia sobre nós o seu sangue e sobre nossos filhos! Então, Pilatos lhes soltou Barrabás; e, após haver açoitado a Jesus, entregou-o para ser crucificado (Mateus 27:24–26).

PERANTE OS ROMANOS

(15:16–20)

Se você já leu sobre o que os romanos usavam no processo de açoitamento, você sabe como essa era uma experiência sangrenta e dolorosa. Eles usavam longas tiras de couro, cravadas com ossos e aço. À medida que as tiras de couro surravam o corpo da vítima, elas dilaceravam a pele das costas, rasgando-a até virar uma mistura sangrenta. Às vezes até os olhos da vítima eram açoitados. Muitos morriam por conta de tamanho esgotamento. Outros saíam do açoitamento completamente fora de si. Poucos eram capazes de manter a consciência durante o sofrimento.

Por que Pilatos ordenou esse açoitamento, sabendo que a crucificação viria a seguir? Essa foi a última tentativa de Pilatos de salvar Jesus, de poupar-Lhe a vida. Ele esperava despertar a compaixão da multidão. Ele esperava que quando a multidão visse o intenso sofrimento imposto a Jesus, se compadecesse e dissesse: “Pilatos, já chega. Deixe-o ir”. João diz que depois do açoitamento Pilatos levou Jesus para fora até a multidão e colocou-O perante o povo, dizendo: “Eis o homem” (João 19:5). Mas a tentativa de Pilatos não deu certo. Incitada pelos principais sacerdotes, a multidão continuou a gritar em sua loucura: “Crucifica-O. Crucifica-O”.

Então, Marcos diz:

Então, os soldados o levaram para dentro do palácio, que é o pretório, e reuniram todo o destacamento. Vestiram-no de púrpura e, tecendo uma coroa de espinhos, lha puseram na cabeça. E o saudavam, dizendo: Salve, rei dos judeus! Davam-lhe na cabeça com um caniço, cuspiam nele e, pondo-se de joelhos, o adoravam. Depois de o terem escarnecido, despiram-lhe a púrpura e o vestiram com as suas próprias vestes. Então, conduziram Jesus para fora, com o fim de o crucificarem (vv. 16–20).

Esse escárnio era algo estranho. Geralmente, esse tipo de coisa não era feita a uma pessoa que ia ser crucificada. Marcos diz que todo o destacamento de soldados uniu-se e participou desse escárnio. Os soldados que estavam de folga, os soldados que estavam só descansando por ali se juntaram e participaram desse ultraje. Pareceu espontâneo. Eles enterraram aquela coroa de espinhos na cabeça de Jesus, vestiram uma túnica real nEle e se prostraram em ado-

ração sarcástica. Cuspiram nEle Depois, finalmente, O levaram para fora para ser crucificado. Isaías havia se referido a esse tratamento quando escreve setecentos anos antes: “Mas ele foi traspassado pelas nossas transgressões e moído pelas nossas iniquidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas pisaduras fomos sarados” (Isaías 53:5).

CONCLUSÃO

Barrabás, certamente, estava entre os que, mais tarde naquele mesmo dia, assistiram à morte de Jesus. Ao olhar para o rosto daquele que estava pendurado na cruz do meio, de uma coisa ele sabia com toda certeza: Aquele que estava morrendo ali na cruz do meio estava morrendo no seu lugar. Ele sabia que a cruz do meio era dele. Ele sabia que os cravos pregados nas mãos de Jesus eram dele. Ele sabia de um modo muito pessoal que Jesus de Nazaré estava morrendo em seu lugar.

Ao pé da cruz, você e eu ficamos exatamente onde Barrabás ficou. A única esperança que você e eu temos está no fato de que outra pessoa morreu no nosso lugar. Costumamos cantar um hino que descreve bem essa verdade sobre a cruz. A letra diz o seguinte:

Foi na cruz, foi na cruz
Onde um dia eu vi, meu pecado castigado em
Jesus.

Foi ali pela fé que meus olhos abri
E eu agora me alegro em sua luz.

Oh! que grande prazer inundou o meu ser
Conhecendo esse tão grande amor
Que levou meu Jesus a sofrer lá na cruz
Pra salvar um tão pobre pecador.

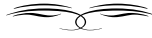
Jesus morreu para que você e eu tenhamos o perdão dos nossos pecados e vivamos eternamente com Deus e os redimidos no céu. Qual resposta você tem dado a Jesus de Nazaré? ✦

Ponha Suas Idéias em Prática

Uma vez, ao ser elogiado como um grande gênio inventivo, Thomas Edison respondeu: “Eu sou uma boa esponja. Absorvo idéias e as coloco em prática. A maioria das minhas idéias pertenciam primeiramente a outra pessoa que não se preocupou em desenvolvê-las”.

Pensamentos que Estimulam

Fred Jewell



Bondade

“Aquele que dá uma moedinha a um pobre
recebe seis bênçãos, mas quem lhe dirige
uma palavra bondosa obtém onze bênçãos.”

Talmude

“A melhor parte da vida de uma pessoa
boa são
Seus pequenos, anônimos e esquecidos atos
De bondade e de amor.”

Wordsworth,
*Linhas Compostas Poucos Quilômetros acima
da Abadia de Tintern*

“A bondade nas mulheres, e não a bela
aparência delas,
É que conquistam o meu amor.”

Shakespeare

“A bondade é mais nobre do que a vin-
gança.”

Shakespeare

“A bondade persistente conquista até os
que se inclinam para o mal.”

Sêneca, *De Benefícios*

Deixe-me ser um pouco mais bondoso,
Deixe-me ser um pouco mais cego
Diante das faltas dos que me cercam.

Edgar A. Guest, *A Creed* (“Um credo”)

Se eu puder impedir que um coração se
quebre,

Não terei vivido em vão;

Se eu puder poupar uma vida do sofrimento,

Ou aliviar uma dor,

Ou ajudar um passarinho caído

A retornar ao seu ninho,

Não terei vivido em vão.

Emily Dickinson, *Poemas*

“A bondade para os bons é um investimento
melhor do que a bondade para os ricos.”

Cícero, *Dos Deveres*

Pequenos feitos de bondade

Pequenas palavras de amor,

Ajudam a deixar tanto a terra

Como o céu mais felizes.

Julia Fletcher Carney,
Little Things (“Pequenas Coisas”)